

Salvia é uma banda oriunda do Porto, composta por cinco elementos que se dedicam à criação de música, num registo próximo ao «Metal» mas que também pode ser definido como uma fusão de estilos. A voz feminina confere-lhe um toque de originalidade, uma vez que não é um factor muito «comum» em bandas do género.



Sons underground

Texto: Marta Almeida Carvalho
Fotos: Virgínia Ferreira

Tânia Andrade, voz, Zé Soares, baixo, João Amiral, bateria, Filipe Belas e Ricardo Barbosa, guitarras, constituem o line-up da formação que teve o seu início oficial em Maio de 2006. Cerca de um ano antes, a base do grupo começou a esquematizar-se mas alguns dos elementos que foram saindo deram lugar a outros até chegar à formação definitiva. O nome foi escolhido num processo democrático que fazem questão de evidenciar. “Foi pedido a

cada elemento para trazer dez sugestões de nomes para a banda e Salvia foi a mais votada”, contam.

Depois disso foi partir para a composição, num processo colectivo, recheado de ideias dos vários elementos da banda, cujas influências fazem das suas músicas uma fusão entre o Metal e o Rock.

As letras, geralmente de autoria da vocalista, são em inglês, língua que, em sua opinião, é a mais adequada ao estilo da banda. “Escrevo sempre em inglês, acho que é algo que me sai naturalmente”, refere a voz dos Salvia, salientando que a universalidade pode passar a mensagem a mais pessoas.

“Não é propriamente uma questão de internacionalização mas sem dúvida que há uma maior facilidade em transmitir uma ideia numa língua universal”, admitem, sublinhando que, uma vez que ainda não têm nenhum disco gravado, a Internet, nesta fase, é um importante veículo auxiliar de divulgação do trabalho da banda.

Voz feminina em acordes viris

A agenda dos Salvia tem sido bastante preenchida, embora haja poucos apoios a este género musical. “São poucas as bandas nacionais que singram



no género, uma vez que não é um estilo que toda a gente aprecie”. Para reforçar esta ideia lançaram dois nomes, os mais significativos na área, mas que, apesar de serem bandas nacionais de culto, sofrem do mesmo problema. “O melhor exemplo é o dos Moonspell, uma banda de heavy metal muito conceituada no estrangeiro mas que continua a ter



Julio Fachada



pouca expressão no país”. Tarântula é outro exemplo de uma banda heavy que se tem mantido no activo muito mais por ser uma banda de culto, com 25 anos de carreira, remando um pouco «contra a corrente».

Géneros musicais aparte, uma vez que a música é universal, aí estão 12 temas de qualidade para ouvir num registo diferente do habitual, desde logo marcado por uma voz feminina pujante e por acordes vigorosos. Para isso, basta entrar em www.myspace.com/salviaproject.

Porto musical

Os elementos da banda são todos do Porto e arredores e mantêm uma excelente relação com a cidade. Embora não se sintam directamente inspirados por ela nas suas criações musicais, reconhecem que o conjunto de vivências e o ambiente que os rodeia acabam por condicionar todo o processo de criação, mesmo que de forma indirecta, até porque, segundo os «cinco Salvia» esta é uma cidade «muito musical». De acor-

do com a banda, o espírito portuense é muito característico e traduz-se, basicamente, por uma espécie de open mind (mente aberta) que lhe reconhece. À cidade conseguem apontar virtudes mas também alguns defeitos. O principal, para quem tem a música «no sangue» é o facto de praticamente “não haver locais para tocar”. “O mítico Hard Club, que fechou há já algum tempo, era um dos poucos palcos onde as bandas podiam mostrar o seu trabalho”. Com o fecho deste emblemático local reduziram-se muito as hipóteses. “Parece que vai abrir de novo, no Mercado Ferreira Borges. Falta saber se terá o mesmo espírito e formato”, sustentam. A expectativa quanto à reabertura é grande e aguarda-se um espaço de divulgação de novas bandas e outros projecto culturais.

Ao vivo, os Salvia apresentam-se como uma banda enérgica, que já teve os seus momentos de nervosismo. “Já fizemos actuações onde não paramos de saltar e outras em que estivemos estáticos”, contam. “Nervoso de principiantes. Nada que uma «francesinha» não faça ultrapassar facilmente”. ■